

20/ set. / 69

Supl. Lit. "Estado..."

# O Delfim: "Uma obra

Embora nos arrisquemos a falsear a verdadeira essência do livro, apontamos dois fatores básicos como os condicionadores daquela nova "abertura": uma nova confiança na vida (= vista na ampla dimensão de seu fluir natural, cósmico) e uma nova visão do Escritor (= afinal aceitando-se como "participante" do fluxo existencial e não apenas como o lúcido e crítico "sismógrafo" registrador dos fatos).

Poderíamos dizer que em "O Delfim" a consciência político-econômica que se impusera até o momento cedeu o primeiro plano à consciência poético-humanística? Quer-nos parecer que sim... A verdade é que a interpretação dialética da realidade adotada, desde sempre por Cardoso Pires, agora adquire novas e sutis conotações...

Dentre a multiplicidade de aspectos estéticos que poderiam ser analisados para o esclarecimento dessa inegável mudança registrada em "O Delfim", escolhemos os elementos estruturais que integram sua narrativa, procurando compreendê-los em confronto com os de "O Anjo Anorado", publicado há onze anos atrás (1958), e cujo esquema básico foi aqui retomado pelo romancista. (Se consciente ou inconscientemente foi essa retomada, não nos importa decidir...)

**"O Anjo Anorado" e a estrutura narrativa "fechada"**

Em "O Anjo Anorado" temos, através de uma intriga simplíssima, o registro da consciência histórica de uma geração "situada" inequivocamente em um tempo preciso e delimitado: o pós-guerra de 45. Sua estrutura narrativa básica joga com "fatos" extremamente simples: a passagem de um Talbot Lago, possante carro esporte vermelho, por "certa aldeola de pescadores sem barcos"; uma pesca submarina; a frustrada venda de certas rendas e a vitoriosa caça a um perdigoto. Dão causa a esses "fatos" a presença de João e de Guida, "passageiros do moderno carro.

A "intriga" aparentemente primária é forjada em planos que se opõem violentamente (o da elite, de formação universitária e folga econômica e o do povo, prisioneiro das necessidades primárias), e toda ela é desvendada em avanços e recuos no tempo e no espaço; porém sempre conduzida firmemente para o núcleo central: de um lado a luta concreta pela sobrevivência na miséria da aldeola, e de outro a alienação da realidade, o desencanto e a lucida apatia interior em que vivem os "privilegiados", emparedados em palavras e idéias... O plano da elite é repre-

sentado por João, personagem híbrido: um misto de analista lúcido e revoltado e de aristocrata acomodado e apático; e por Guida, jovem "lúcida, lógica, racionalista", um "anjo à espera da revelação". Ambos, consciências lucidas, exacerbadadas pela análise e simultaneamente desarvoradas, marcadas pela inação, pela impossibilidade de atuar: "anjos ancorados".

O plano dos desprotegidos é representado pelo "garoto" que tenta vender as rendas; pelo "velho ladino" à caça do perdigoto; por Ernestina, a moça das rendas, etc. Criaturas que se debatem no círculo fechado da miséria e cuja ação realizadora vê-se condenada à contínua frustração: "anjos ancorados".

O tempo presente da ação narrativa (=duração da caça submarina) tem a duração de algumas horas (que revelam todo um processo de vida); horas que não transcorrem linearmente aos nossos olhos, mas que surgem amalgamadas, fundidas com o tempo passado das personagens, resultando assim numa intemporalidade essencial que a presença de datas e horas, tão escrupulosamente anotadas pelo romancista, não consegue destruir.

É importante notar que essa estrutura narrativa apresenta-se fechada sobre si mesma: começa e acaba com o enfoque dos mesmos elementos (o carro vermelho e a aldeia: chegada e partida), sem que nenhum deles tivesse sofrido nenhuma modificação intrínseca no decorrer do relato. Assim esta estrutura fechada, circular surge em perfeita correspondência com a infra-estrutura de uma consciência crítica que, vendo um falat encadeamento de causa e efeito entre os vários fenômenos da realidade, não vislumbra nenhuma possibilidade de modificação ou de evasão do processo histórico que a envolve e que impede a plena realização do homem.

**"O Delfim" e a Estrutura Narrativa "Aberta"**

É exatamente neste ponto que sentimos a "abertura" trazida pelo "O Delfim", onde ainda persiste a presença de uma consciência crítica nitidamente "situada" no fluir histórico, mas inegavelmente penetrada de uma outra dimensão. Já não traz implícita (ou explícita...) uma denúncia, mas antes uma constatação: ainda que de maneira imprecisa, sente-se que as realidades sobre as quais ela se exerce começam a se transformar... umas se destroem por si mesmas, outras vislumbram a renovação.

Em face da estrutura narrativa registrada em "O ANJO

ANCORADO", a apresentada por este último romance assenta-se nos mesmos elementos, porém, como já dissemos, penetrados de outra luz: o mesmo esquema dialético, "privilegiados" versus "desprotegidos"; uma "caça" como eixo narrativo e um "carro veloz" e um casal sem real comunicação afetiva... Note-se ainda que o espaço básico escolhido é o mesmo: uma aldeola cristalizada no tempo. Porém a estagnação que a marca já é quebrada por certo frêmito de vida que progride imperceptivelmente. As "bicicletas" dos camponeses operários; os "rapazes com transistors e blusões de plástico" recebidos de longe, dum cidade mineira da Alemanha ou das fábricas de Winnipeg, Canadá... embora denunciem certo hibridismo na paisagem humana (rudimentarismo x avanço tecnológico); certo desequilíbrio com a realidade concreta e estagnada que os cerca, não conseguem silenciar o rumor de vida que avança e progride...

Não importa também que o Narrador aponha em melancólica contrapartida as "moças de perfil de luto — as viúvas de vivos — sempre a rezarem pelos maridos distantes", pois o que avulta afinal no quadro são "os dólares, as cartas e os presentes enviados"... A cíclica "estação de caça" na lagoa é também outro elemento do espaço que deixa pressentir a vida que prossegue contra todas as forças coercitivas...

Atente-se ainda para a população amorfa da aldeia que é focalizada na Igreja, em sua "apatia de corpos cansados". Pela maneira como nã-la desvenda o Narrador, ela não nos transmite a sensação de algo estático, paralisado no tempo, mas sim a de uma surda e obstinada resistência a estagnação vital que ameaça destruí-la.

"Todos, homens e mulheres, estariam como mandam as narrações sagradas, isto é, na apatia dos seus corpos cansados: todos a repetirem um ciclo de palavras, transmitido e simplificado, de geração em geração, como o movimento de enxada" (pag. 22).

Embora resultando num movimento mecânico, essa imersão num processo cíclico de pensamento e ação ("palavras" e "enxadas") como que os preserva da destruição vital, nêles revelando uma energia latente que espera...

Aqui temos, pois, uma estrutura e um tempo "abertos" que, ultrapassando a superfície das realidades aparentemente estagnadas, deixam a ver a força indomável da vida, latente naquele "tempo amesquinhado" do presente, naquele homem resignado a um horizonte fechado (= "lagarti-

xa"), bloqueado pela sobrevivência dos valores anquilosados; uma força que cumpre irreduzivelmente seu processo renovador, sejam quais forem os obstáculos que se lhe queiram opor. A mesma força, a mesma energia que alimentam a lagoa.

"...é igualmente a lagoa (ou a nuvem em sua representação" que me chamou aqui é me tem entre quatro paredes, e espera e a recordar.

Encontro-me entre dois pólos de ruínas, eis o que me ocorre. Na linha dos montes uma casa destrocada nas raízes da aldeia um estendal de grandezas romanas registrado, peça a peça, por um abade".

Aí temos, sintetizada numa dimensão alegórica, a "abertura" de que vimos falando. Se, imergindo no plano alegórico em que transcorre toda a efabulação do romance, "traduzirmos" o significado subjacente do fragmento citado, veremos que o Narrador, atraído pela energia renovadora da vida (=lagoa), espera o futuro e rememora o passado, enquanto se vê "situado" entre dois fenômenos que até o momento o atraíram, os "dois pólos de ruínas": o presente caduco e esclerosado (= "casa destrocada" do Delfim) e o passado histórico transformado em mito (=estendal de grandezas romanas) sobre as quais se erguer a aldeia que no momento o Escritor visita.

Portanto a vida renovadora (=lagoa) superará a estagnação criadora (= "os pólos de ruínas"). Se pretendêssemos atender ao significado profundo do livro, seu título deveria ser "A LAGOA" e não "O DELFIM..." Pois, se não incorremos em erro, a grande presença ali (a que embora constantemente ligada ao Delfim, acaba sobrepujando-o...) é a lagoa, isto é, a vida.

É, sem dúvida, essa nova confiança na vida o elemento responsável pela "abertura vislumbrada em "O Delfim" "abertura" que se revela coerentemente na própria estrutura narrativa. Atente-se, pois, para a condensação temporal ali registrada. Aparentemente ela obedece ao mesmo esquema de "O Anjo ancorado": presente, passado e futuro condensados em algumas horas: de uma tarde ao amanhecer seguinte. Entretanto aí não encontramos mais o caráter cíclico fechado que marca a primeira.

Sua estrutura é "aberta", pois apresenta a evolução de um processo em pleno devir. Note-se que a ação narrativa retorna ao ponto de partida... o Escritor, na primeira e na última cena, mantém-se aparentemente na mesma posição de espectador, na mesma pen-

são de caçadores, observando a aldeia pela mesma janela. No entanto, não só ele mudou em suas reações em face da realidade, como esta também mudou à sua volta: no decorrer de algumas horas, morre um mundo (= o domínio da “casa da lagoa” sobre a aldeia) e nasce outro (= a reintegração do povo em seus direitos sobre o arrendamento da lagoa).

“Está dito, ao arraial não faltou, custe o que custar. E ao entardecer, quando se firmar no alto dos pinhais a tentadora coroa de nuvens, não abrirei o meu caderno de apontamentos e menos ainda a “Monografia”. Para a próxima terei o cuidado de escolher outra leitura, de preferência um canto de alegria. Um livro deste tempo e desta hora que não traga a lagartixa na portada como um ex-libris ou como uma pluma sobre o granilito”. (pág. 363).

Parece-nos clara a significação alegórica do trecho. Afastando a preocupação de registro ou de denúncia de mundos mortos, estagnados no tempo (= “Monografia” do abade e o “caderno de apontamentos”), o Escritor pretende abrir-se para a vida (“tentadora coroa de nuvens” que revela a presença da “lagoa”), a fim de participar dela, registrando um “canto de alegria”, em um livro “deste tempo e desta hora”: tempos que começam novamente a crer no homem e em sua força criadora latente, tempos que já conseguem vislumbrar a metamorfose da “lagartixa” dos “tempos amesquinçados” já agonizantes.

Esclarece-se, pois, a compreensão do processo evolutivo do homem, registrado até agora por José Cardoso Pires: sob a estagnação evidente que marca o homem, espaço e tempo que o rodeiam... ele capta a energia vital latente que obstinada e imperceptivelmente avança para o momento de realização. Se é evidente que em toda a efabulação de “O Delfim” persiste o caráter histórico de coisa “datada”, condição básica do realismo dialético em que se insere o romancista, está bastante claro também que dela desapareceu o caráter polemico dos livros anteriores.

Acrescenta-se ainda que, se as datas em “O Anjo Ancorado” têm uma dimensão histórica precisa (= abril de 57, o pós-guerra 45), aqui em “O Delfim” elas adquirem a conotação de simples marco no tempo natural, cíclico (= a “estação de caça”).

Da mesma maneira, a inação que marca o “Anjo Ancorado” aqui desaparece, suas personagens agem, independentemente dos limites estreitos que as rodeiam. Acrescenta-se

te-se ainda um elemento: o “motivo” que levou o Escritor à aldeia e deu origem ao romance foi a “estação de caça”: atividade essencialmente dinâmica.

Assim, parece-nos fora de dúvida que, dentro da produção literária de Cardoso Pires, “O Delfim” apresenta-se esteticamente como um limite e uma abertura. Um limite, porque surge como um ponto de chegada na diretriz do realismo-dialético até agora trilhada pelo Romancista: a literatura “exemplar”, polêmica, denunciadora de certo status sócio-econômico. E uma abertura, porque necessariamente uma nova trilha estética já se faz pressentir. Arte é vida, e vida é essencialmente dinâmica e renovadora.

Já tivemos ocasião de dizer, quando da reedição de “O Anjo Ancorado”, que José Cardoso Pires possui o dom precioso que é o amadurecimento paralelo aos fatos, e a cada livro seu publicado, mais essa peculiaridade se nos confirma. Eis-nos, pois, em face de “O Delfim”, onde reencontramos a “garra” do escritor:

a sua adesão aberta ao realismo do cotidiano, um realismo despojado, direto, aparentemente elementar, mas de tal maneira pejado de fundas significações, que adquire as dimensões do realismo alegórico que podemos rastrear nos “mistérios” medievais ou ainda nos “contos exemplares” dos fabulistas ibéricos.

Como disse o Escritor em certa conversa com o Delfim: “cada romance (...) vai crescendo com o tempo, corrigindo-se com o corpo e a voz do homem que o escreveu” (p. 109). E assim se vem revelando o seu universo de ficção: amadurecendo esteticamente na medida em que se realiza o amadurecimento vivencial.

O que nos dará amanhã é esse amadurecimento? Só o futuro poderá responder. Por ora, deixemos o Escritor em visita que, depois de uma noite de insônia, se “despede de um companheiro de serões (o Delfim) e de uma Ofélia local (Maria das Mercês), de um doente excomungador (o Velho rebelde) e de mastins e idéias negras que lhe guardaram a cabeceira na véspera do dia

de Todos os Santos e de todos os caçadores, o primeiro do mês de novembro de mil novecentos e sessenta e seis... Pensa na manhã e espera. Espera. Espera o sono. O sono. Sono...”.

Prisioneiro da “insônia” (= agulhão da análise), o Escritor espera o “sono” (= libertação do estado de vigília, nova apreensão da vida sem o crivo da lucidez racionalista). Quer-nos parecer que uma nova diretriz estética aguarda-o... Seu realismo-dialético fundir-se-á com uma interpretação mágico-poética do mundo? Esperemos...

(conclusão)

1) José Cardoso Pires — O Delfim (1.ª ed. maio 1968; 2.ª ed. outubro 68), Lisboa, Moraes Editores.

2) Os Caminhos e outros Contos (1946); Histórias de Amor (1952); O Anjo Ancorado (1958); O Renter dos Heróis (1960); Cartilha do Mariaiva (1960); Jogos de Azar (1963) e O Hóspede de Job (1964).

3) Consulte-nos a propósito do tipo do Delfim, a Cartilha do Mariaiva onde José Cardoso Pires estudou amplamente o assunto.